

Palestra para os pais (proferida em setembro de 2001)

Elie Wiesel, reconhecido universalmente como o escritor do Holocausto, resumiu nossa inigualável sobrevivência atual com as seguintes palavras: "Nós somos a mais amaldiçoada e a mais abençoada de todas as gerações. Somos a geração de Job, mas também somos a geração de Jerusalém".

A tentativa de genocídio de nosso povo e o retorno subsequente à nossa Terra Mãe, prometida biblicamente, serão, certamente, anotados pelos historiadores como dois dos acontecimentos religiosos mais significativos do século XX.

Outra realidade da vida judaica, consequência do Holocausto e do renascimento de Israel, tem um significado relativamente maior: o indescritível assassinato de 6 milhões de inocentes que desapareceram só porque eram judeus levou os sobreviventes a procurar uma melhor compreensão de sua tradição e de sua herança, que foram quase apagadas.

A suprema ironia da era posterior ao nazismo é que a solução final deu origem a um renascimento religioso, o movimento dos *baalei teshuváh* - retorno religioso à nossa fé -, algo nunca antes testemunhado na história judaica com tamanha intensidade.

D'us não morreu em Auschwitz

O que ficou, metaforicamente, claro para Moshéh, no seu primeiro encontro com o Todo-Poderoso, tornou-se, miraculosamente, aparente ao contemplarmos o fracasso de Hitler, o moderno Haman, quando procurou destruir totalmente o nosso povo.

Por que D'us manifestou-se inicialmente a Moshé, escolhendo-o para liderar o povo da escravidão para a liberdade, "em um arbusto (*senéh*) que queimava pelo fogo e não era consumido"?

Não tencionava demonstrar que podia fazer milagres. Poderia ter escolhido outro entre uma infinidade de feitos diferentes. Mas o *senéh* - no lugar posteriormente denominado Sinai, onde a Toráh nos foi concedida - era uma planta cuja indestrutibilidade serviria como um paradigma do poder inigualável do povo judeu, da capacidade de não ser consumido através da história.

Contra as leis da natureza, contra todos os princípios da história, como codificados por historiadores como Toynbee, e contra o exemplo de todas as nações que existiram antes ou ao mesmo tempo em que nós e que já desapareceram, os judeus foram oferecidos aos fogos, dos crematórios e das tochas, de incontáveis inimigos, e "não foram consumidos".

Os atuais sobreviventes dos horrores nazistas podem ser desculpados se a sua resposta teológica à perda de aproximadamente dois terços de nosso povo foi a rejeição de D'us dos seus pais.

Na verdade, muitos escolheram a estrada da negação religiosa.

Muitos outros viram naqueles eventos irracionais um desafio espiritual.

Não foi D'us no céu que falou aos seus filhos, mas os seres humanos aqui embaixo que demonstraram quão bárbaros são os seus comportamentos quando guiados unicamente pelos padrões e valores seculares.

Os alemães nos deixaram questões: 6 milhões no mínimo. Tornou-se uma suprema tarefa da geração pós-Holocausto procurar e investigar, perguntar e refletir, tentar compreender uma fé que passou pelos testes do tempo, mas parece ter perdido o confronto com a razão e com a crença e continua permanente em um D'us onipotente e beneficente.

Milhares de anos atrás, durante o primeiro Holocausto na história judaica, que aconteceu no Egito, o grito da luta foi: **"Deixe o meu povo ir"** ("Let my people go"). Em nosso tempo, consequência de um período de incompreensão, o Rabi Steinzaltz deu origem a um novo *slogan*: **"Deixe o meu povo conhecer"** ("Let my people know").

O conhecimento é mais forte que o poder. Como Salomão escreveu no Livro dos Provérbios: **"Se lhe falta conhecimento, o que é que você tem? Se você tem conhecimento o que é que lhe falta?"**. Os sobreviventes têm de saber o propósito do seu advento, de sua existência. E a resposta deve ser mais que a banal referência a uma "tradição" ou a um "violinista no telhado".

"Deixe o meu povo conhecer" - e dezenas de milhares de judeus, nos Estados Unidos, na Europa, em Israel, procuraram resposta nas sinagogas, nos cursos de educação para adultos, nos programas de estudos judaicos, nos grupos de estudos *chavuráh*. E centenas de novas escolas floresceram para dar sustento espiritual aos sedentos de conhecimento judaico de nossa geração.

De onde surgiram tantos *baalei teshuváh*?

Os místicos sugerem uma resposta fascinante. Seis milhões de pessoas desaparecem. Entre elas, aproximadamente, 2 milhões de crianças - bebês e adolescentes - impedidas de exercer o seu potencial de vida.

É possível que D'us lhes tenha dado uma "segunda oportunidade" e que de fato a grandeza do movimento dos *baalei teshuvá* reflète aquela multidão de almas que reencarnaram e estão espalhadas pelo mundo?

E aqui no Brasil e na América Latina, será que essas almas reencarnaram?

Parece que o Holocausto da assimilação vai nos consumindo se não conseguirmos incendiar o arbusto de nossa sobrevivência. O que fazer para despertar nossas comunidades para o fogo que não consome e que dá vida?

A resposta, no meu entender, está no slogan do Rabi Adin Steinzaltz: "Deixe o meu povo conhecer!".

Deixe o meu povo conhecer a sua história.

Deixe o meu povo conhecer a história de seus sábios.

Deixe o meu povo conhecer como sobrevivemos a 4 mil anos de história.

Deixe o meu povo conhecer que somos mais ou menos 15 milhões - dentre os 5 bilhões de habitantes deste planeta - e que, apesar de numericamente pequenos, somos ainda uma luz para toda a humanidade. Não é uma pena deixar de ser judeu?

Apesar de todas as perseguições e sofrimento, não somos um povo de coitados. Não devemos ter vergonha de nós mesmos.

Somos o único povo que tem uma história que permeia todas as civilizações por 4 mil anos.

Temos de encontrar os meios para ensinar nosso povo a conhecer a sua história.

A nossa sobrevivência entre os povos, durante esses 4 mil anos, passou por muitas épocas distintas:

- 1) A época de nossos pais, de Abraham até a conquista de Canaã.
- 2) A primeira comunidade de 1200 até 586 antes da era comum (a.C.). A idade dos juizes, reis e profetas, guerras, divisões e rebeliões e também do nascimento de grandes verdades espirituais. Nessa época, o primeiro templo foi destruído.

- 3) A segunda comunidade, de 586 a.c. até ao ano 70 da era comum (d.C.), inclui a época da Diáspora dos judeus da Babilônia, o retorno e reconstrução do templo, os contatos com os persas e gregos, a luta dos chasmoneus e o jugo dos romanos. E nessa época aconteceu a destruição do segundo templo.
- 4) A história dos judeus do leste. Período do crescimento e declínio dos judeus na Babilônia e na Palestina durante mil anos da era comum, período do desenvolvimento do Talmud. Do aparecimento das religiões ocidental e oriental que se originam do judaísmo.
- 5) A Idade Média na Europa. Ela se entrelaça com a época anterior, pois os judeus traçaram sua história um ou dois séculos antes da era comum. As comunidades européias eram tão diferentes na sua origem e desenvolvimento que é impossível distingui-las dos judeus do leste. É dessa época o assentamento dos judeus em várias partes da Europa, a participação dos judeus no lento crescimento da cultura européia, as cruzadas e todas as desgraças que se seguiram.
- 6) A Época Moderna: do iluminismo, da revolução industrial, do Holocausto e do renascimento do estado de Israel.

Todas as civilizações que conhecemos deixaram um registro de sua história através de coisas materiais. Sabemos disso pelas tábuas de pedras e pelas ruínas escavadas pelos arqueólogos.

Tomamos conhecimento dos judeus, da nossa história e sobrevivência, desde os tempos primitivos ou imemoriais, principalmente pelas ideias que ensinavam e do seu impacto sobre outros povos e civilizações. Existem poucas tábuas, ou nenhuma, deixadas pelos judeus de antigamente, contando sobre batalhas, e poucas são as ruínas contando o antigo esplendor.

O paradoxo é que os povos que deixaram monumentos como registro de sua existência desapareceram com o tempo, enquanto os judeus, que deixaram ideias, sobreviveram.

A história mundial conferiu aos judeus seis desafios que ameaçaram sua sobrevivência. Os judeus emergiram desses desafios e viveram para enfrentar desafios subsequentes.

O mundo pagão foi o primeiro desafio da sobrevivência judaica.

Os judeus eram um pequeno bando de nômades, atores extras entre potências, tais como a Babilônia, Assíria, Fenícia, Egito, Pérsia.

De que maneira conseguiram sobreviver como grupo cultural durante 1.700 anos de sua história, enquanto todas as outras nações entraram em conflito e foram aniquiladas?

O que salvou os judeus foram as suas ideias, com as quais responderam a todos os perigos que enfrentavam.

Tendo sobrevivido a 1.700 anos de peregrinações e perseguições, escravidão, dizimação em batalhas e em exílios, os judeus retornaram a sua terra natal para encontrar-se com o período greco-romano de sua história.

Este foi o segundo desafio e um verdadeiro milagre, já que os judeus sobreviveram.

Tudo o que era tocado pela Hélade (Grécia antiga) durante os anos mágicos de sua grandeza tornou-se helenizado, incluindo seus conquistadores: os romanos.

A religião grega, a sua arte e literatura; as legiões romanas, a legislação e a forma de governo deixaram um sinete indelével em todo o mundo civilizado.

Entretanto, quando as legiões romanas foram derrotadas, sua cultura entrou em colapso e morreu.

As nações que foram subjugadas, primeiro pelos gregos, depois pelos romanos, desapareceram. Novas nações surgiram pelas forças das armas. Os judeus permaneceram, sobreviveram, não pela força dos seus braços, mas pela força de suas ideias.

O terceiro desafio que os judeus enfrentaram consiste em um fenômeno incomparável e sem paralelo na história.

Foram criados "dois judaísmos, ou duas vertentes do judaísmo": uma, na Palestina; e, outra, iniciada na diáspora babilônica (diáspora, palavra derivada do grego, significa dispersão). Ainda hoje, a diáspora é o conjunto de judeus espalhados pelos quatros cantos do mundo gentio e, portanto, fora da Palestina, hoje Israel.

Foi também a era da fragmentação do povo judeu em pequenos grupos, dispersos através de imensas áreas de terras e entre culturas, as mais divergentes, que se inicia na época

da expulsão dos judeus de Jerusalém pelos babilônios, no VI século a.C., e se estende até o período no qual os judeus foram liberados dos guetos, no século XIX d.C.

Como os judeus puderam manter-se longe da assimilação e da absorção em um mar de povos estranhos em torno deles?

Os judeus enfrentaram esse desafio criando um código religioso legal - o Talmud Babilônico e o Talmud de Jerusalém. O Talmud sérvio de força aglutinadora e de reorganização espiritual. Esta foi a Idade Talmúdica de nossa história.

No século VII, o judaísmo deu origem à religião maometana.

E este foi o quarto desafio que os judeus tiveram de enfrentar.

Em cem anos, o Império Maometano, o Islã, cresceu para desafiar a civilização ocidental. No meio dessa religião, os judeus não apenas sobreviveram, como ascenderam a um dos mais elevados píncaros de sua história na literatura e na ciência. O judeu dessa época tornou-se estadista, filósofo, médico, cientista, homem de negócios, capitalista cosmopolita. O árabe tornou-se a sua língua *mater*. Setecentos anos se passaram e o pêndulo oscilou. O mundo islâmico desintegrou-se e a cultura desintegrou-se com ele.

O quinto desafio foi a Idade Média.

Este foi o período mais negro da humanidade tanto para os judeus como para o homem ocidental. Foi um período de luta contra a extinção que durou 1.200 anos.

Todas as nações não-cristãs foram derrotadas em nome da cruz, exceto os judeus, que emergiram desse período negro espiritualmente e culturalmente vivos.

As ideias lançadas pelos seus grandes eruditos foram testadas e passaram pelo teste da sobrevivência.

Quando as paredes dos guetos caíram, os judeus tornaram-se parte integrante do tecido da civilização ocidental em menos de uma geração. No transcurso de uma geração e ainda sob as sombras do gueto, tornaram-se primeiros-ministros, capitães da indústria, líderes militares, membros privilegiados de uma intelectualidade de vanguarda, que reformularam o pensamento europeu.

O sexto desafio foi a Idade Moderna.

O aparecimento do nacionalismo, da revolução industrial, do comunismo e do fascismo nos séculos XIX e XX e o surgimento simultâneo de uma doença virulenta no pensamento ocidental - o antissemitismo - foram um desafio muito especial para os judeus.

Novas respostas de sobrevivência tiveram de ser forjadas para enfrentar esses desafios. Se as respostas foram adequadas ou não só o futuro poderá nos dizer.

Vemos que a história dos judeus se desenrolou dentro de seis civilizações. Isso contradiz muitas escolas teóricas de história, que afirmam a impossibilidade dessa sobrevivência, pois em analogia toda civilização deve durar uma única vida, que subsiste em torno de 500 até, mais ou menos, mil anos. E, como vimos, os judeus contrariam essa tese, desde a sua formulação, uma vez que existem há 4 mil anos, cultivaram seis culturas e seis diferentes civilizações e muito provavelmente sobreviverão à sétima.

Como se pode reconciliar esses fatos com a teoria?

Este é o desafio que eu proponho à juventude, aos *baalei teshuváh* e à comunidade.

E aos que permitam que o nosso grito penetre no coração dos seus filhos.

Deixe o meu povo conhecer! Como?

Estudando a nossa história, a história de nossos sábios, a nossa filosofia de vida, o pensamento judaico e, fundamentalmente, o símbolo real de nossa sobrevivência: a Toráh, que engloba o *Tanach* (Bíblia), a *Mishnáh* e o *Talmud*. E, por fim, sem ser o último desafio, cumprir os *shabatót* e todas as nossas festividades, tornar-se um membro ativo de nossa comunidade na educação, nos clubes, nas nossas instituições e nas sinagogas.

E como dizia o Rabi Israel Salanter, na preparação para a festividade de *Rósh HáShanáh*, quando nos submetemos ao julgamento de D'us e nos tornamos uma pessoa reclamada pela sociedade.

Rabino Professor Rubén Najmanovich

Obras consultadas:

- 1) Understanding Judaism, by Rabí Benjamin Blech
- 2) Jews, God and History, by Max. I. Dimont
- 3) A History of The Jews, by Solomon Grayzel
- 4) Os Judeus, o Mundo e o Dinheiro, de Jaques Altali
- 5) História do Pensamento Judaico, de Raymond Berger